

A ESCALADA ESPORTIVA COMO OBJETO INTERMEDIÁRIO NA CRIAÇÃO DE VÍNCULO TERAPÊUTICO

Autor: Allef Degam Furtado - allefdfurtado@gmail.com - CRP (08/25975)

Supervisora: Rosângela Lopes de Camargo Cardoso - CRP (08/1520)

Resumo: A psicologia clínica é muitas vezes identificada pelo local onde é exercida e não pela função que exerce. A teoria de papéis do psicodrama explica que uma pessoa assume o papel de terapeuta a partir do vínculo com o contra-papel de cliente. Pensando na relevância desta relação, o objetivo deste artigo foi compreender se a escalada esportiva pode ser utilizada como objeto intermediário na criação de vínculo terapêutico. Esta intervenção foi uma pesquisa-ação realizada com dois voluntários. Observou-se ao final que as metáforas presentes na vivência, facilitaram a compreensão dos clientes sobre a função dos papéis e importância deste vínculo. E que o *setting* terapêutico pode sair da consagração sobre o que se espera do local de início desta relação.

Palavras-chave: Psicodrama; Escalada esportiva; vínculo terapêutico; objeto intermediário.

INTRODUÇÃO

A atividade do psicólogo clínico tem grandes influências do saber médico, tanto pelos próprios criadores, quanto pelo termo igualmente utilizado. Clínica, no grego “*Klinê*” significa leito. Doron e Parot (1998), explicam que a atividade clínica, originalmente é a do médico, que à cabeceira do doente, o examina para fazer um diagnóstico, prognóstico e prescrever um tratamento. Procedimentos esses que, segundo Moreira e colaboradores (2007), são suficientes para refletirmos acerca da influência do saber médico na prática psicológica. O que fez com que criássemos uma cultura sobre o que é esperado deste profissional, do cliente e até mesmo do local de tratamento.

Lo Bianco e colaboradores (1994) *apud* Teixeira (1997) enfatizam que clínica não é consultório, é qualquer lugar que necessite de promoção de saúde. Para a autora, a clínica é muitas vezes identificada pelo local onde é exercida e não pela função que exerce, dando a impressão de uma impossibilidade do fazer clínico fora das quatro paredes de um consultório.

O psicodrama é uma abordagem que possibilita ao terapeuta e cliente experimentar a espontaneidade que se manifesta não apenas na dimensão das palavras, mas expressa também na atuação, interação, a fala, a dança, o canto etc. (BLATNER e

BLATNER, 1996 *apud* FALEIROS, 2004). Percebe-se então que estes autores dão ênfase na qualidade da aliança terapêutica, não no local.

Assim, o pesquisador definiu como objetivo primário “Compreender se a escalada esportiva pode ser utilizada como objeto intermediário na criação de vínculo com o cliente”. Para atingir este passo desenvolveu os objetivos secundários “Conhecer os aspectos psicológicos e relacionais presentes na escalada esportiva”; “Avaliar se a escalada esportiva contribui para a percepção do cliente sobre a função do papel e contra papel do psicoterapeuta e cliente”; e “Analisar se a escalada contribui para a motivação do cliente no início do processo terapêutico”.

A proposta partiu da prática vivencial do terapeuta, que percebeu neste esporte, oportunidades de desenvolvimento da confiança em uma nova relação. Como o psicodrama é uma abordagem vivencial, “a técnica e a teoria são secundárias em relação à pessoa e à importância da relação terapeuta e cliente” (RAMALHO, 2010, p. 32).

Esta pesquisa teve o psicodrama como método de intervenção. De acordo com Mesquita (2000), a metodologia proposta pelo psicodrama é uma pesquisa-ação, onde o pesquisador é implicado no processo enquanto pesquisador e mediador. Assim, utilizou do projeto sicionômico de Jacob Levy Moreno e seguiu os fundamentos do Tripé Metodológico que é formado por instrumentos “diretos, ego auxiliar, plateia, palco e protagonista”, por contextos “social, grupal e dramático” e por etapas “aquecimento, dramatização e comentários” (MORENO, 2008).

A pesquisa foi submetida à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa e aprovada, sob o número 35924920.0.0000.0093. Contou com uma amostra de dois voluntários como novos clientes em psicoterapia, um homem de 25 anos e uma mulher de 30, que de forma individual foram escalar com o pesquisador no primeiro encontro terapêutico. Este foi dividido em duas horas. A primeira foi no Ginásio de Escalada Campo Base, e a segunda hora dentro da Associação Paranaense de Psicodrama. Local onde as sessões tiveram continuidade.

Como o foco desta pesquisa é relação inicial entre terapeuta e cliente, os dados coletados foram referentes as quatro primeiras sessões. Para que o sigilo dos participantes possa ser mantido, eles serão identificados através de nomes fictícios “Maria” e “João”. Os participantes se voluntariaram a partir de um anúncio postado na conta profissional do psicólogo pesquisador, dentro da plataforma social *Instagram*.

Cadê o divã?

Para iniciar, precisamos num primeiro momento compreender que a pesquisa proposta, por si só, já é a fuga da conserva cultural sobre o que é o início de um processo terapêutico. Ao pensar em psicologia clínica, muitos visualizam encontrar o terapeuta em um consultório com um divã ao lado. Segundo Moreno (1978), esse é o exemplo de uma conserva cultural, pois esta é considerada a cristalização de objetos, costumes ou ideias, porém também pode ser o ponto de partida para iniciar uma verdadeira revolução criadora, impulsionada pela espontaneidade e criatividade.

Como explicado, a psicologia clínica carrega na etimologia da palavra a imagem de um profissional que trará o conhecimento ao adoecido. Estudiosos como Oliveira e Benetti (2015), Oliveira e Vieira (2015) e Queiroz (2017), falam sobre o vínculo terapêutico e explicam que o conceito tem sido considerado fundamental para o desenvolvimento terapêutico. Pensando em tal importância, a pesquisa teve como foco avaliar o fenômeno vínculo através das lentes do psicodrama e foram utilizados para análise dos resultados conceitos como, teoria de papéis, iniciadores, fenômeno tele e transferência, teoria do momento, conserva cultural e espontaneidade-criatividade.

A escalada desde o princípio inclui o corpo dentro do processo vincular

Num primeiro momento, por ser uma atividade incomum à prática psicológica clínica, pode ser difícil compreender quais as conexões da escalada esportiva com um processo psicoterapêutico, mas começando pelo fato de esta atividade envolver o corpo, já é possível associar com vários aspectos, como os iniciadores que são descritos dentro da teoria do psicodrama, sendo eles o corporal, emocional e ideativo. Esses fazem parte de um processo de aquecimento, fundamental para todo ato espontâneo. Perazzo (2010) escreve que tais iniciadores não ocorrem de forma separada, você precisa apenas dar atenção para que traga em cena as emoções e aspectos que estão conectados ao físico. Dessa forma, ao escalar e utilizar o corpo no processo terapêutico, o psicólogo possibilita a percepção das emoções envolvidas, junto com a utilização das metáforas presentes no esporte, estimulando pensamentos aos clientes sobre seus diversos papéis. Sobre inserir o corpo no início do processo terapêutico, Maria comentou: “Eu gosto muito dessas coisas de movimentar o corpo, parece que consigo me conectar mais comigo”.

Segundo Vieira et al. (2011), ao praticar a atividade física, os clientes poderiam atingir um determinado estado do fluxo (*flow*), um estado mental de envolvimento com a

tarefa presente. O autor diz que é uma forma de concentração em que a energia psíquica está direcionada à atividade, fazendo com que a autoconsciência desapareça e o senso de tempo se distorça. No psicodrama, poderíamos comparar com a teoria do momento. Para Moreno, o conceito do momento possui categoria própria e está situado fora do tempo cronológico. “O momento não pertence ao Cronos – tempo quantitativo – e sim ao Kairós – tempo qualitativo. O primeiro é chamado de “tempo do homem” e o segundo, de “tempo de Deus” (FONSECA, 2018, p.56).

Luz, corda e ação – Aquecendo a relação inicial

No primeiro encontro, o terapeuta realizou um protocolo de iniciação como aquecimento inespecífico. Caminhou pelo ambiente para trazer consciência dos participantes sobre o espaço em que a vivência ocorreria, ao mesmo tempo o terapeuta se aquecia ao caminhar junto. Fala-se muito sobre o aquecimento dos protagonistas em psicodrama, mas Moreno também descreve que “a espontaneidade do diretor é que aquece o paciente” (CUKIER, 2018, p. 96). Oliveira e Beneti (2015) reforçam esta ideia, pois afirmam que o estilo pessoal, conhecimento e experiência daquilo que o terapeuta está propondo têm direta influência na aliança terapêutica. Estudos apontam que além das questões internas do cliente o terapeuta também deve ser levado em consideração.

Após aquecimento inicial, o terapeuta explicou os equipamentos de segurança e suas utilizações para preparar os clientes à primeira via a ser escalada. Nesta hora, percebeu diferenças no comportamento dos clientes. João de início escalou sem muitas perguntas ao terapeuta, já Maria parecia um pouco mais preocupada em dominar as situações, pediu dicas de como iniciar, uma possibilidade de manter a situação sob controle. João pareceu confiar imediatamente, o que ainda não era uma certeza, mas uma probabilidade para se averiguar quando fôssemos para a Associação Paranaense de Psicodrama. Essa hipótese foi confirmada com os primeiros comentários de João na sessão: “Se eu sofro com alguma coisa na relação de confiança é o excesso talvez. Eu confio tranquilo, pra mim é quase instintivo confiar. Existe talvez até uma ingenuidade na confiança as vezes”.

Com relação à confiança inicial de Maria, pareceu mais receosa, mas com o decorrer da vivência a relação foi aparentemente dando maior confiança. Disse Maria: “a primeira vez que subi me senti bastante ansiosa. Queria chegar no fim logo, só queria subir, e aí depois consegui me sentir mais conectada e acho que era importante o apoio.

Quando eu estava subindo e não estava mais aguentando, você falou ‘vai Maria, falta só mais dois’, e aí eu falei pra mim, ‘vou terminar!’. Isso me dava motivação pra terminar”.

O comentário da cliente mostrou que a partir da comunicação na interação com o psicólogo, conseguiu sentir-se motivada para seguir em frente, superando-se para finalizar a via que havia escolhida e proposta ir até o fim. Ao descer, demonstrou ficar contente comemorando, pois foi uma atividade que a levou próxima do seu limite físico e trouxe emoções como medo e sensação de superação após o término. O terapeuta elogiou a garra que ela teve por terminar aquela via alta. Segundo Faleiros (2004), espera-se que o psicodramatista, a partir de sua espontaneidade, crie na relação um clima propício ao momento logo na primeira sessão, tornando um *locus nascendi* da espontaneidade do cliente.

A utilização de metáforas já é bem aceita e muito utilizada em processos psicoterápicos de diversas abordagens da psicologia. Segundo Paschoal e Grandesso (2016), na prática clínica elas têm se tornado uma ferramenta auxiliar na conversação, pois sua utilização pode trazer reconhecimento e significado a experiências da vida. E fazem parte da prática de todas as idades. Podem ser consideradas uma forma de brincar com as palavras ou experiências, tornando a sessão mais lúdica, permitindo inclusive que o cliente fale de situações muitas vezes difíceis de maneiras mais leves. A metáfora, segundo Paschoal e Grandesso (2016, p. 38), “transporta o significado de um contexto para outro”. A pesquisa, por ter sido estruturada através das lentes do psicodrama, trouxe o “drama”, ou seja, a ação às metáforas presentes da escalada. Ao invés de os clientes escutarem histórias que poderiam correlacionar com o processo terapêutico, vivenciaram-nas através da relação, já que o foco era estimular o vínculo terapêutico inicial. Ali as metáforas ganharam espaço, agarras (pedras) coloridas e dezessete metros de altura.

Essas metáforas, que fazem com que o significado de algo seja transportado para outro espaço, dentro do psicodrama podem enquadrar-se como parte da realidade suplementar, por serem utilizadas como um instrumento para o sujeito experienciar algo que ultrapassa a realidade objetiva, oferecendo uma nova forma de realidade, trazendo enriquecimento através do uso extensivo da imaginação (MORENO, 2001). Na atividade, podemos observar o uso da imaginação em muitos momentos, por exemplo, quando terapeuta e cliente comparam a corda de escalada presa na cadeirinha com o cordão umbilical. Para Moreno (1959) *apud* Perazzo (2016), realidade suplementar é um estado em que a pessoa atua a sua fantasia. Perazzo completa, considerando o conceito como

chave da elucidação não só da cena psicodramática, mas como a base inquestionável do processo de criação.

Não podemos deixar de considerar que essas metáforas são utilizadas a partir dos objetos intermediários encontrados no ginásio de escalada. O termo “objeto intermediário” foi introduzido na teoria e na prática psicodramática por Rojar-Bermúdez (1970), como recurso para auxiliar no aquecimento dos pacientes psicóticos crônicos durante as sessões de Psicodrama. O termo foi assim denominado pelo autor, devido à própria qualidade deste intermediar a passagem do campo tenso para o campo relaxado.

Relação entre o psicodrama e as sessões terapêuticas

As ideias conversadas com os clientes serão agora descritas para que possam ser compreendidas quais conexões existem com a teoria do psicodrama:

Checagem dos equipamentos.

Antes do escalador iniciar sua subida, a dupla deve estar atenta para verificar se o outro está com o equipamento correto, firme e devidamente fechado.

No processo terapêutico, essa verificação se compara com o alinhamento e possível engajamento do cliente, ele precisa se sentir seguro e confortável com o terapeuta. Vestir a cadeirinha é escolher experimentar a relação. Se o cliente estiver disponível, ele poderá escolher uma corda para se conectar com o terapeuta. Moreno preocupa-se com a interação, compartilhar e estar junto para crescer. Desta forma, apossar-se de uma postura psicodramática implica internalizar um modelo terapêutico que busca trazer ao contexto uma relação mais télica possível (FALEIROS, 2004).

Corda dinâmica.

Corda dinâmica é uma corda com certa capacidade elástica para a prática da escalada. A corda é a concretização do vínculo, ou seja, representação física de algo que conecta terapeuta e cliente. Em psicodrama, o vínculo é caracterizado pela interação entre as pessoas, que atuam através de papéis (BUSTOS, 2001). Este vínculo pode ter características tanto télicas quanto transferenciais, Bustos afirma que “não há relação totalmente télica, nem totalmente transferencial” (BUSTOS, 1982, p. 25). A tele é uma noção social, pois somente pode ser vista e desenvolvida no social, já a transferência e a empatia são noções psicológicas, que atuam em nível individual (BUSTOS, 1979). A

afirmação do autor pode ser comparada com a fala da cliente Maria que vivenciava receios por não conhecer o terapeuta e estava se questionando se deveria desistir antes de conhecê-lo: “no carro vindo para cá eu já estava pensando, ‘nossa que diferente, faz tanto tempo que eu não tenho outro terapeuta, o que eu vou falar? Acho que não vou, vou desistir’, e no fim foi legal ter essa experiência”.

Na sessão com João, quando explicava o vínculo representado pela corda, João compreendeu uma metáfora que seria estimulada pelo terapeuta e falou “essa corda é um simbolismo direto ao cordão umbilical”, em tom de brincadeira, já que a corda fica presa na cadeirinha de escalada na mesma altura do umbigo. Bustos considerava que a psicoterapia psicodramática bipessoal repete o modelo relacional mãe-filho, que é um vínculo superprotetor, mas também temido. Por ser uma modalidade que propicia a investigação das primeiras relações afetivas, as únicas tensões nesta modalidade de atendimento provêm da relação com o terapeuta (RAMALHO, 2010).

A corda pode ser considerada também como um dos objetos intermediários que facilitam a relação entre terapeuta e cliente. Do ponto de vista prático, o objeto intermediário, “é qualquer objeto que funcione como facilitador do contato entre duas ou mais pessoas” (Castanho, 1995, p.32, apud SCHMIDT, 2006).

Escalador e segurador.

São as pessoas conectadas pela corda, porém com funções diferentes. O escalador subirá na parede, enquanto o segurador ficará dando assistência e segurança ao companheiro no caso de quedas.

O escalador e segurador foram comparados nas vivências com os dois clientes, e representavam o papel de cliente e contra-papel de terapeuta. Na sessão com João o terapeuta falou: “você deve ter percebido que em momento algum eu te puxei para cima, você deve fazer força com as próprias pernas para seguir em frente”. Comentou também que precisaria que João comunicasse a ele se faltasse força, para então *retesar* a corda, o termo significa, tirar a folga para não haver quedas.

Em toda relação, a pessoa que dá segurança também precisa aprender a dar o espaço que o outro precisa, determinada folga pode ajudar para que o sujeito possa se sentir livre em seus movimentos. O terapeuta exemplificou que relacionamentos em que um dos membros prende muito o outro, acaba tirando sua liberdade, podendo trazer consequências ruins e possíveis rompimentos do vínculo.

Segundo Fonseca Filho (2010, p. 19), “O paciente e terapeuta, independente da linha psicoterápica, coparticipam de um encontro humano envolvidos em papéis de categorias diferentes”. O autor explica que enquanto um busca ajuda, o outro está trabalhando. Trazendo para essa relação um vínculo não igualitário, demarcando as características básicas da relação. Mesmo assim, as duas pessoas estão numa relação horizontal, incluídos pelo *inter*, que é base cultural para o desenvolvimento do processo ser. Fonseca Filho descreve que a qualidade na criação desta condição de horizontalidade, apesar dos papéis hierárquicos, é o que marca a eficácia do profissional psicoterapeuta.

Inversão de assegurador.

Foi a inversão de papéis, em que o cliente que estava escalando agora estaria dando segurança ao terapeuta.

A inversão de papéis é uma técnica no psicodrama que surgiu como fase da matriz de identidade. Neste período, espera-se que as pessoas possam sair da perspectiva do *Eu* e assumam o papel do outro, para que a partir deste novo olhar existencial possam ampliar suas consciências sobre a relação de reciprocidade, característica do fenômeno *tele*, que permite enxergar o outro com seus olhos. (FONSECA FILHO, 2008). Esta técnica é bastante difundida como base de intervenções do psicodrama, provavelmente uma das mais utilizadas na clínica. Moreno considerava esta técnica como o motor que proporciona o psicodrama. É uma técnica que facilita a ampliação da consciência sobre uma relação (CUKIER, 1992).

A participante Maria, ao inverter o papel com o psicólogo, comentou: “Eu fiquei super tensa aqui embaixo, achei que doeu mais o meu braço aqui do que escalando. Acredito que a responsabilidade é muito grande de ter alguém dependendo de mim, aí talvez por isso fiquei mais tensa”.

Cada cliente acabou dando uma resposta diferente com relação a esta inversão de papéis, João achou mais difícil escalar do que dar a segurança e Maria o oposto. Provavelmente, aspectos relacionados às experiências pessoais de cada um. Naffah Neto (1979) *apud* Perazzo (2010), considera o iniciador físico não apenas um ato mecânico, mas um conjunto complexo de contrações e interações musculares, que possuem conexões com uma determinada situação e tempo. Para Pichón (1998), os vínculos são estruturas dinâmicas, em que cada sujeito reage de uma maneira diferente, mesmo conectados e dependentes um do outro, cada ser possui suas necessidades internas movidas pela história de vida pessoal.

O profissional explicou que, na escalada, quem dá a segurança precisa estar muito conectado com o escalador, dando atenção total ao presente. Não pode largar as cordas, falar ao telefone, ficar olhando a paisagem, é necessário manter total atenção ao que o escalador está fazendo para acompanhar o seu ritmo. Em relação à sintonia, o profissional falou aos clientes que se não houver um ritmo parecido de quem recolhe a corda e quem escala, as quedas podem ser maiores. Além do segurador, o escalador também precisa estar percebendo o momento, como sentir o corpo quando cansado, para poder descansar em uma boa agarra. Ramalho (2010) lembra as ideias morenianas sobre a importância de viver o momento, mesmo que não se possa prever o que ocorrerá. Nas vias mais difíceis, principalmente, é muito importante pensar nos movimentos, descansar bem quando pode e se comunicar quando necessário. De acordo com Ilgner (2016, p. 15),

Para desenvolver uma boa forma mental, precisamos equilibrar as metas finais com a experiência e o aproveitamento da escalada por si só. Construir a consciência de tais processos mentais é a essência do treinamento mental.

Quanto ao papel do psicoterapeuta, ele passa por alguns desafios neste processo, por não saber quais serão as reações e transferências a partir da relação (FALEIROS, 2004). O processo da inversão pode auxiliar, pois se ele busca uma relação télica, ou seja, de mutualidade, mostrar confiança no cliente também pode ser importante. Acredito que as ações do terapeuta também são importantes porque elas comunicam algo ao cliente. Tentamos nos compreender através de nossas ações, através dos vínculos que estabelecemos na relação com o outro (NERY, 2018). Quando o terapeuta se propõe a estar nesta situação de inversão, de forma não verbal, mostra ao cliente que está confiando em seus potenciais, que eles darão conta desta responsabilidade.

Escolha da via.

Autonomia do cliente sobre onde deseja chegar e por onde. Com João, o terapeuta falou para caminharem pelo ginásio para olharem as outras vias. Encontraram uma via diferente, um pouco mais difícil que as outras que havia feito. João perguntou: “você recomenda essa via?”. “Você que decide, qual você escolher estarei com você”, disse o terapeuta. O cliente decidiu subir a via tendo o apoio do terapeuta. Nery (2018) fala que uma das tarefas do psicólogo é estar atento aos sinais de vinculação, seja comportamento, fala, jeito de falar, emoções, entre outros aspectos.

Com Maria, o terapeuta pôde compreender a importância de dar autonomia para a escolha da via no segundo encontro através do compartilhamento no fim da sessão. Maria disse: “Estou mais confortável. Eu vim muito travada, na semana passada eu ainda estava com receio, mas agora estou mais segura, me sentindo mais à vontade”. O psicólogo comentou que o comportamento no ginásio apresentou essa característica também, pela necessidade de entender quase tudo antes de começar, mostrava certo receio, mas depois conseguiu escalar. E a cliente finalizou a sessão dizendo “... eu me senti escolhendo o caminho que eu quisesse subir, e dependia do meu esforço, com seu incentivo e sugestões, mas era eu. Então, eu me senti dona do meu processo naquele momento e foi muito legal”. Nery (2018) diz que a forma de desempenho predominante do papel do cliente vai explicitando sua história de vida, sua comunicação e seu aqui e agora no contexto terapêutico.

No ginásio, o terapeuta indicava a gradação das vias, mas quem escolhia para onde iria sempre eram os clientes. Inclusive o pesquisador verbalizava “pode escolher, aonde você for eu estarei contigo”.

As vias são como nossos papéis

A metáfora dos papéis. Cada via pode representar nossos papéis, diferentes funções, ou até mesmo nossas metas. Precisamos identificar e nos aquecer antes de iniciar a subida. Provavelmente, ao começar você precisará rever caminhos, pois quando coloca em prática, nem todo percurso planejado é o mais confortável, muitas vezes, precisará pensar se ainda faz sentido continuar onde está. Perceber o momento e o que seu corpo está lhe falando é fundamental. Há tempo para planejamento, tempo de execução, momentos de descansar enquanto replaneja e de respirar calmamente, gastando menos energia para não cair de vez. “A escalada ideal de uma via deve incluir paradas em diversos momentos para planejar e depois mover-se deliberadamente entre os descansos” (ILGNER, 2006, p. 15). Quando se sobe sem parar, a probabilidade de você cair é muito maior. A felicidade não está apenas no topo, mas em aproveitar o caminho, o momento presente.

Esta metáfora pôde ser o *link* para o psicólogo fazer os clientes pensarem nos seus vínculos. Houve breves comentários, mas os aprofundamentos foram reservados às sessões nas salas da Associação Paranaense de Psicodrama, pela questão do sigilo. Nery (2018) diz que, na vida, cada vínculo que estabelecemos é único e a reporta a comportamentos e emoções especiais. Ao perceber que em algumas vias levava-se mais

tempo e energia e em outras, menos, o psicólogo perguntou a João quais papéis se pareciam com as vias, quais mais ocupavam seu tempo e energia. O cliente compartilhou que a função de psicólogo, pois acabava “cuidando” da namorada e amigos em alguns momentos, “mesmo não trabalhando”. O tema foi aprofundado nas sessões dentro da clínica, mas as metáforas ali utilizadas eram facilitadores para começar a se pensar e comunicar algumas relações, aspectos importantes no início de um processo terapêutico.

Na sessão de Maria, a conexão com seus vínculos surgiu de maneira parecida. Por estar abordando questões do vínculo, o psicólogo perguntou quais outros papéis sociais Maria desempenhava. Primeiramente, respondeu que o papel de filha é bem “significativo”. Falou também desempenhar o papel de irmã e quando foi falar do papel de namorada mudou a entonação da fala, dando a impressão de que não tinha muita certeza. O psicólogo passou a comparar a corda que estavam utilizando para entender como ela percebia a relação. Maria explicou que a corda estava bamba, não conseguia confiar muito nela. O profissional comentou que o nó que prende a corda na pessoa pode representar os critérios de escolha para esta relação, mas falariam disso em outro espaço e Maria concordou. Moreno (2008) apresenta a partir dos conhecimentos da sociometria que nossas relações podem ser inclusive concretizadas em gráficos, como o teste sociométrico de Moreno de atrações, rejeições ou indiferença, mas para que eu possa compreender como me posicionar com relação a outra pessoa, é necessário compreender os critérios de escolha da relação, pois para um mesmo indivíduo posso escolher positivamente para fazer um trabalho acadêmico em conjunto, mas provavelmente este não será escolhido se eu buscar alguém para sair em uma noite de entretenimento.

Ainda pensando nas metáforas de cunho sociométrico, a partir dos conceitos de Moreno (2008), o terapeuta poderia levantar outros pontos como: “em quem de seus vínculos você confiaria para dar segurança? Quem você chamaria para subir a montanha? Você sabe quantos Kg a corda da sua relação aguenta? Como reforçaria sua corda? Com quantas pessoas está pendurada? Já tentou puxar alguém pra cima? Consegue dividir o peso em mais pessoas para subir mais leve? Já que o nó da corda na cadeirinha é o que prende você no outro, quais foram seus critérios de escolha para se conectar?”.

Após as metáforas que instigaram os clientes a pensarem em suas relações, o terapeuta finalizou a atividade no ginásio e utilizou com cada um dentro da Associação Paranaense de Psicodrama o átomo social para compreender não apenas com quem, mas como estão ocorrendo essas relações. Segundo Moreno (1978), o átomo social é entendido como um agrupamento de elementos a partir da percepção do protagonista,

sendo uma configuração social das próprias relações interpessoais. Cukier (1992) diz que através da investigação dramática do átomo social é possível explorar a sociodinâmica das relações concretizadas pelo cliente.

O foco deste trabalho está na relação de vínculo com o terapeuta. E o psicólogo considera que nas sessões o vínculo pôde ser identificado através dos compartilhamentos dos clientes e pelo aprofundamento nos temas trabalhados, indicando entrega a esta relação profissional.

Continuidade após a escalada

Com Maria, o desenvolvimento das sessões seguintes caminhou para a compreensão da sua dinâmica relacional com o namorado, influenciada por outros vínculos familiares, principalmente na relação com o pai. Com o fim das quatro primeiras sessões, a situação não estava resolvida, pois psicoterapia não é mágica, mas o psicólogo percebeu que Maria já estava separando melhor os papéis por compreender algumas dinâmicas reveladas em dramatização. Identificando o que ela poderia fazer sobre aquilo que tinha autonomia. Os comentários ao final das sessões ajudaram o profissional a compreender que o vínculo terapêutico estava sendo construído, e que Maria estava vendo resultados deste processo, como com a frase final do quarto encontro: “Não tem sido fácil, eu saio com a cabeça saindo fumaça, mas a primeira palavra que veio foi transformador, por tomar consciência dessa situação”.

Sobre as sessões com João, as quatro sessões não seguiram uma mesma linha como com Maria, houve contato com temas diferentes, como a relação com a namorada, zonas de conforto e desejo de se tornar uma figura importante que fará diferença na sociedade. Isso mostra que cada cliente possui um ritmo e maneira diferente de lidar com seu processo. E, assim como na escalada, é fundamental o psicólogo dar a liberdade para o cliente subir por onde quiser e na velocidade que quiser. Ramalho (2010) explica que Moreno pretendia que cada sessão pudesse ser uma experiência existencial, sendo possível encontrar aspectos básicos da fenomenologia existencial, como: existência, ser, espaço, encontro, liberdade, percepção, corpo, imaginário, vivência, entre outros.

Por fim, a criação de vínculo por estratégias não convencionais pôde ser contemplada através dos comentários dos clientes e dos conteúdos descritos anteriormente. Foi possível perceber também que a espontaneidade e criatividade do terapeuta foram aspectos fundamentais para que os clientes pudessem se permitir a

experenciar algo diferente. Assim, conclui-se que houve aspecto motivacional para este trabalho por ambas as partes, psicólogo e cliente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa identificou que há possibilidade de utilização de outros *settings* para iniciar a psicoterapia, e que a utilização dos recursos que o ginásio dispõe foram sim facilitadores, foram objetos intermediários para abordar a relação terapêutica no momento presente. Assim, não apenas o local precisa ser considerado, mas a forma com que a relação se estabelece durante a vivência proposta.

Quanto aos aspectos psicológicos e relacionais presentes na escalada esportiva, ficou ressaltada durante a análise a importância da motivação pessoal do profissional, facilitando o aquecimento e fluir de sua espontaneidade e criatividade que influenciaram positivamente na motivação dos clientes. E ao estar confortável com o espaço alternativo de trabalho, pôde se envolver com os participantes de forma verdadeira no momento presente, podendo captar a relação e os comportamentos durante a escalada para utilizar como material nas sessões posteriores.

Quanto a percepção do clientes sobre a função dos papéis, tanto João como Maria assumiram o contra-papel proposto. Vemos a partir do movimento de entrega e aprofundamento que tiveram em seus temas, principalmente Maria por estar abordando suas relações primárias, podendo afirmar que conseguiram desenvolver o vínculo inicial esperado pela pesquisa. Mesmo quando não seria mais coletado dados para a pesquisa, ambos desejaram continuar o processo com o terapeuta.

No âmbito da motivação ao início do processo terapêutico, o terapeuta observou que aspectos pessoais dos clientes foram facilitadores, pois cada um já havia tido algum envolvimento com atividades de aventura, mas as conexões com aspectos terapêuticos geraram curiosidade e abertura.

Sob uma perspectiva mais ampla, a importância deste trabalho reflete no fato de que pesquisas em psicoterapia correlacionando com ambientes não tradicionais de atendimento são escassas e possuem carências de materiais que possam ajudar a inovar a psicologia sem descaracterizá-la. Durante a aplicação da pesquisa, escalando com os clientes, o profissional psicólogo pôde observar que outros aspectos além do vínculo inicial podem ser estudados e aplicados como forma alternativa de intervenção.

Por fim, considera-se que esta pesquisa pôde trazer benefícios em diversas escalas, contribuindo com a ciência na aquisição de novos métodos que facilitam a criação do

vínculo terapêutico e formas não tradicionais sobre o *setting* terapêutico, provando que as quatro paredes do consultório representam muito menos que a força da interação humana neste vínculo profissional. Espera-se principalmente, que no âmbito social, os benefícios deste trabalho possam alcançar pessoas que não acreditavam ou não se sentiam motivadas a buscar um psicólogo.

REFERÊNCIAS

- BUSTOS, Dalmiro Manuel. **O Psicodrama: Aplicações da Técnica Psicodramática**. São Paulo: Summus, 1982.
- BUSTOS, Dalmiro Manuel. **Perigo, Amor à Vista: Drama e Psicodrama de Casais**. São Paulo: Aleph, 2001.
- BUSTOS, Dalmiro Manuel. **Psicoterapia Psicodramática**. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- CUKIER, Rosa. **Psicodrama bipessoal: Sua técnica, seu terapeuta e seu paciente**. São Paulo: Ágora, 1992.
- CUKIER, Rosa. **Vida e clínica de uma psicoterapeuta**. São Paulo: Ágora, 2018.
- DORON, R.; PAROT, F. (orgs.). **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Ática, 1998.
- FALEIROS, Elizabeth Amelio. Aprendendo a ser psicoterapeuta. **Psicol. cienc. Prof.**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 14-27, Mar. 2004.
- FONSECA FILHO, José de Souza. **Psicodrama da Loucura: correlações entre Buber e Moreno**. São Paulo: Ágora, 2008.
- FONSECA FILHO, José de Souza. **Psicoterapia da relação: elementos do psicodrama contemporâneo**. Ed. rev. e atual. São Paulo: Ágora, 2010.
- FONSECA, José. **Essência e personalidade: elementos de psicologia relacional**. São Paulo: Ágora, 2018.
- ILGNER ARNO. **Treinamento Expresso do Caminho do Guerreiro da Rocha**. Edição Companhia da Escalada, 2016.
- MESQUITA, Ana Maria Otoni. O psicodrama e as abordagens alternativas ao empirismo lógico como metodologia científica. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 20, n. 2, p. 32-37, jun. 2000.
- MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ROMAGNOLI, Roberta Carvalho; NEVES, Edwiges de Oliveira. O surgimento da clínica psicológica: da prática curativa aos dispositivos de promoção da saúde. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 27, n. 4, p. 608-621, dez. 2007.
- MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

- MORENO, Jacob Levy. **Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia do grupo e do sociodrama**. São Paulo: Daimon – Centro de Estudos do Relacionamento, 2008.
- MORENO, Zerka T. **A realidade suplementar e a arte de curar**. São Paulo: Ágora, 2001.
- NERY, Maria da Penha. **Vínculo e afetividade: caminho das relações humanas**. 4 ed. São Paulo: Ágora, 2018.
- OLIVEIRA, Jeane Franco de; VIEIRA, Érico Douglas. Reflexões sobre a relação terapêutica: perspectivas da gestal-terapia e do psicodrama. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 92-110, 2015.
- OLIVEIRA, Natacha Hennemann; BENETTI, Sílvia Pereira da Cruz. Aliança terapêutica: estabelecimento, manutenção e rupturas da relação. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 3, p. 125 - 138, 2015.
- PASCHOAL, V. N., & GRANDESSO, M. O uso de metáforas em terapia narrativa: facilitando a construção de novos significados. **Nova Perspectiva Sistêmica**, v. 23, n.48, p. 24-43, 2016.
- PERAZZO, Sergio. **O homem que só chorava: um intermezzo para a realidade suplementar**. In:_____; GOTTLIEB, Liana(org.). **Psicodrama: Apontamento e criação**. São Paulo: FiloCzar, 2016. cap. 13. p. 163-179.
- PERAZZO, Sergio. **Psicodrama: o forro e o avesso**. São Paulo: Ágora, 2010.
- PICHÓN-RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do vínculo**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- QUEIROZ, Edilza Wanderleia da Silva. A construção do vínculo terapêutico: Uma reflexão sob a perspectiva gestáltica. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v.14 n. 26, p. 109 – 126, 2017.
- RAMALHO, Cybele Maria Rabelo. **Psicodrama e Dinâmica de grupo**. São Paulo: Iglu, 2010.
- ROJAS-BERMÚDEZ, Jaime G. **Introdução ao Psicodrama**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- SCHMIDT, Maria Luiza Gava. A utilização do objeto intermediário no psicodrama organizacional: modelos e resultados. **Psicol. Am. Lat.**, México , n. 8, nov. 2006.
- TEIXEIRA, Rita Petrarca. Repensando a psicologia clínica. **Paidéia**, Ribeirão Preto, n. 12, p. 51-62, Ago. 1997.
- VIEIRA, L. F.; BALBIM, G. M.; PIMENTEL, G. G. A.; HASSUMI, M. Y. S. S. e GARCIA, W. F. Estado de fluxo em praticantes de escalada e skate downhill. **Motriz: rev. educ. fis.**, Rio Claro , v. 17, n. 4, p. 591-599, Dec. 2011.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) senhor (a), você está sendo convidado pelo psicólogo Allef Degam Furtado, CRP (08/25975), a participar da pesquisa intitulada “A escalada esportiva como objeto intermediário na criação de vínculo terapêutico”. A pesquisa também será apresentada como trabalho de conclusão do curso de pós-graduação da Associação Paranaense de Psicodrama (APP), para obtenção do título de “psicodramatista terapêutico”, e terá supervisão e orientação da professora Rosângela Lopes de Camargo Cardoso CRP (08/1520). O objetivo da pesquisa é averiguar a possibilidade de utilizar a escalada esportiva, como objeto facilitador do desenvolvimento do vínculo terapêutico, fundamental para que funcione qualquer intervenção psicoterápica.

Caso o (a) senhor (a) aceite, sua participação será na disponibilidade para participar de sessões de psicoterapia pela abordagem psicodramática, com duração de uma hora e frequência semanal até o final da pesquisa. Com exceção do primeiro encontro que terá duas horas, sendo dividida em duas partes. Na primeira hora, haverá uma vivência psicodramática no Campo Base Ginásio de Escalada, localizada na Av. Presidente Kennedy, 35 – Rebouças, Curitiba, PR (50 metros da Associação Paranaense de Psicodrama). Na hora seguinte, o paciente junto com o psicólogo pesquisador atravessará a rua para entrar na Associação Paranaense de Psicodrama, na Rua Conselheiro Dantas, 534, bairro Rebouças – Curitiba, PR.

As sessões serão registradas em forma de gravação de áudio, captando as vozes do terapeuta e cliente, que estarão sozinhos dentro das salas de psicoterapia da Associação Paranaense de Psicodrama. Após a análise dos conteúdos das primeiras cinco sessões, os áudios serão destruídos. Os participantes poderão ter acesso a qualquer informação, antes, durante ou depois da pesquisa.

A sua participação nesse estudo é voluntária, se decidir que não deva participar por qualquer motivo, ou quiser desistir de continuar, terá absoluta liberdade de fazê-lo em qualquer momento, sem prejuízo algum. Tendo também o direito de retirar o termo de consentimento a qualquer fase da pesquisa. Sua participação é gratuita, não terá nenhum gasto, nem com a locomoção para a coleta de dados, pois o pesquisador arcará. Da mesma forma, não receberá nenhum valor em dinheiro por sua participação.

Por se tratar de uma vivência com a prática da escalada em ginásio, existem riscos físicos e emocionais inerentes a prática deste esporte, como vivência da sensação de medo, ansiedade, e outras sensações que podem surgir ao estar em local alto. Pequenas quedas também podem ocorrer, porém com suspensão pela corda, sendo que a modalidade utilizada pelo pesquisador se chama *top rope*, a qual a corda que dá segurança vem acima do usuário, permanecendo esticada o tempo todo, evitando assim, quedas superiores a aproximadamente 30 cm, o que corresponde apenas à capacidade elástica do material utilizado. O (A) senhor (a) pode criar pequenos calos na mão pela pressão entre a pele e as agarras do ginásio, e/ou outras escoriações decorrentes de colisões inerentes ao esporte. Se algum dano físico ocorrer, o pesquisador providenciará assistência médica imediata e arcará com quaisquer necessidades. Caso não esteja acostumado (a) com práticas esportivas, poderá sentir dores musculares referentes ao sedentarismo.

Considerando o cenário pandêmico causado pelo vírus COVID-19, o psicólogo irá verificar os decretos estaduais e municipais acerca da liberação das atividades em

estabelecimentos considerados não essenciais. Para aumentar a segurança o (a) senhor (a) deverá cumprir, assim como o pesquisador, todas as medidas de proteção indicadas pelo Ministério da Saúde, como o uso de máscaras para cobrir o nariz e boca, utilização de álcool gel para as mãos antes e depois da atividade e distanciamento maior que 1,5m de qualquer pessoa presente no local.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, a identidade e seus dados pessoais serão mantidos no mais rigoroso sigilo, conforme a resolução CFP N° 016/2000, do Código de Ética do Psicólogo.

Os benefícios em participar, se referem à contribuição para a compreensão do fenômeno relacional estudado. Há também, possibilidades de ganhos psicoterápicos em sua vida, desenvolvidos através do vínculo terapeuta e cliente. E justamente por tratar-se de psicoterapias, os participantes podem viver mobilizações emocionais com suas histórias de vida e seu mundo intrapsíquico. No caso de mobilizações acentuadas, para minimizar os riscos, o psicólogo manterá as sessões por tempo indeterminado. Os contatos com o pesquisador serão através do telefone (41) 99999-0604 e outras informações formais pelo email allefdfurtado@gmail.com.

Diante de qualquer questão, será possível entrar em contato com a Professora Orientadora responsável através do e-mail rlccardoso@yahoo.com.br. Caso persista dúvida, você poderá contatar o Comitê de Ética da Universidade Positivo, das 8hs às 11hs e das 14hs às 17hs, telefone (41) 3317-3260, sediado na Rua Pedro Viriato Parigot de Souza, 5.300, sala 8 Bloco Amarelo (Térreo) – Curitiba – PR, ou por e-mail: cep@up.edu.br. Também poderá contatar a COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP, que funciona das 8hs às 18hs, pelo fone: (61) 3315-5878, sediada na SEP 510 NORTE, BLOCO A, 3º Andar, Edifício Ex-INAN – Unidade II – Ministério da Saúde – Brasília-DF, ou ainda por e-mail: conep.biobancos@saude.gov.br.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____ documento de identidade _____ por ter sido orientado (a) e esclarecido (a) sobre questões aqui mencionadas e compreendida a natureza e o objetivo deste trabalho, manifesto meu livre consentimento na realização do estudo com a assinatura deste documento em duas vias idênticas, ambas assinadas, ficando uma comigo e outro com o pesquisador.

Curitiba, ____ de _____ de _____.

Assinatura do (a) participante

Assinatura do pesquisador

ANEXO B – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A escalada esportiva como objeto intermediário na criação de vínculo terapêutico.

Pesquisador: ALLEF DEGAM FURTADO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 35924920.0.0000.0093

Instituição Proponente: ASSOCIACAO PARANAENSE DE PSICODRAMA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.223.635

Apresentação do Projeto:

O atual projeto visa compreender a possibilidade de utilizar ferramentas não tradicionais, como objeto intermediário na criação de vínculo terapêutico. Utilizará para a pesquisa o método de pesquisa-ação com análise qualitativa. O pesquisador propôs estudar a escalada esportiva como um possível caminho ao vínculo, tendo como amostra dois participantes, de ambos os sexos, com idade entre 19 e 29 anos. Os mesmos serão convidados a participar de uma vivência em um ginásio de escalada, como primeiro encontro com o psicólogo. O qual pretende usar dos recursos físicos do local para demonstrar a dinâmica da relação terapêutica, ou seja, a função do papel e contrapapel do terapeuta e cliente respectivamente. Além da compreensão sobre os papéis, a vivência tem como objetivo principal, criar um vínculo inicial para facilitar o engajamento no processo psicoterapêutico, considerado no meio científico como fundamental para um trabalho posterior. O projeto poderá trazer aos participantes os benefícios alcançados em psicoterapia, e também à comunidade científica, sendo que não foi encontrado nenhum artigo que falasse de psicodrama e escalada esportiva, tendo assim, caráter inovador.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo primário: Compreender se a escalada esportiva pode ser utilizada como objeto intermediário na criação de vínculo terapêutico.

Endereço: Rua Profª Pedro Viriato Parigot de Souza nº 5300
Bairro: Campo Comprido **CEP:** 81.280-300
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3317-3260 **Fax:** (41)3317-3030 **E-mail:** cep@up.edu.br



UNIVERSIDADE POSITIVO



Continuação do Parecer: 4.223.675

Objetivo Secundário:

- Conhecer os aspectos psicológicos e relacionais presentes na escalada esportiva;
- Avaliar se a escalada esportiva contribui para a percepção do cliente sobre a função do papel e contra papel do psicoterapeuta e cliente;
- Analisar se a escalada contribui para a motivação do cliente no início do processo terapêutico.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequadamente contemplados, foram atendidas as modificações solicitadas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Atende o exigido.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto é considerado conforme a Resolução 466/2012

Considerações Finais a critério do CEP:

1

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1603278.pdf	08/08/2020 12:13:13		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_atualizado_pendencias_comite.docx	08/08/2020 12:12:51	ALLEF DEGAM FURTADO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ANEXO_A_TCLE_PARTICIPANTE.docx	08/08/2020 12:11:10	ALLEF DEGAM FURTADO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AnexoB_AnuenciaAPP.pdf	31/07/2020 15:05:01	ALLEF DEGAM FURTADO	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	31/07/2020 15:04:25	ALLEF DEGAM FURTADO	Aceito
Outros	Local_coleta_de_dados.docx	31/07/2020 14:43:28	ALLEF DEGAM FURTADO	Aceito

Endereço: Rua Profª Pedro Viriato Parigot de Souza nº 5300**Bairro:** Campo Comprido **CEP:** 81.280-300**UF:** PR **Município:** CURITIBA**Telefone:** (41)3317-3260**Fax:** (41)3317-3030**E-mail:** cep@up.edu.br



UNIVERSIDADE POSITIVO



Continuação do Parecer: 4.223.635

Outros	Checklist_pendencia_documental.docx	31/07/2020 14:41:55	ALLEF DEGAM FURTADO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AnexoC_AnuenciaCampoBase.pdf	31/07/2020 14:38:23	ALLEF DEGAM FURTADO	Aceito
Cronograma	Cronograma_COMITEDEETICA.docx	30/07/2020 09:44:42	ALLEF DEGAM FURTADO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 19 de Agosto de 2020

Assinado por:
NEI RICARDO DE SOUZA
 (Coordenador(a))

Endereço: Rua Profª Pedro Viriato Parigot de Souza nº 5300
Bairro: Campo Comprido **CEP:** 81.280-300
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3317-3260 **Fax:** (41)3317-3030 **E-mail:** cep@up.edu.br

3

